

## **O EXIBICIONISMO NAS REDES SOCIAIS**

### **A notável característica dos afetos narcísicos na contemporaneidade**

**Leonardo Luiz<sup>1</sup>**  
**Dereck Gomes<sup>2</sup>**  
**Ingrid Dionizio<sup>3</sup>**  
**Jenyffer Domingos<sup>4</sup>**

### **RESUMO**

A presente pesquisa busca compreender quais são os fatores que motivam alguns usuários das redes sociais a compartilharem conteúdos de ordem privada, ultrapassando a tênue linha entre a comunicação e o exibicionismo, assim resultando em consequências sutis, porém perigosas para a saúde física e psíquica dos que diretamente se expõe e dos que indiretamente são atingidos. Para tanto, sob a ótica da psicanálise Freudiana, conceituamos o exibicionismo e as afetações psíquicas que circundam o sujeito, a fim de elaborar uma reflexão teórica a respeito do comportamento narcisista presente nas redes, investigar e discutir um novo fenômeno: os afetos narcísicos da contemporaneidade.

### **Introdução**

Nosso trabalho busca compreender como o narcisismo se configura na pós-modernidade. Assim, temos como objetivo geral elaborar uma compreensão teórica do comportamento narcisista presente nas redes sociais sob a ótica psicanalítica, de forma a compreender como essa abordagem pode lançar reflexão sobre este fenômeno. Faz-se necessária uma atenta observação - de forma mais aprofundada e sensível - quanto ao aspecto inevitável relacionado diretamente à presente pesquisa científica: a imagem. Observando fundamentalmente traços narcísicos por entre os séculos, é possível notar a importância da imagem como uma característica humana. Ao analisarmos cronologicamente a história, e buscando uma essência psicológica atrelada a este fenômeno, ponderamos imediatamente que a imagem não foi apenas uma ferramenta poderosa a ser usada pelos povos primitivos, mas sim, parte do inconsciente primitivo presente em todos nós, e utilizada até os dias de hoje. A imagem tem poder, é por meio dela que nos expressamos e somos reconhecidos, além de representar

---

<sup>1</sup> Psicólogo, psicanalista, mestre e doutor em psicologia clínica pela PUC-SP. Pós doutor em Música do Instituto de Artes pela UNESP. Coordenador do Curso de Psicologia da Fecaf.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de psicologia da Fecaf. (4º sem.)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de psicologia da Fecaf. (4º sem.)

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de psicologia da Fecaf. (4º sem.)

perfeitamente uma característica primordial quanto à essência biopsicossocial do ser humano. Ernst H. J. Gombrich, importante historiador do século XX, escreve em seu livro *A História da Arte*:

Quanto mais recuamos na história, mais definidas mas também mais estranhas são as finalidades que se crê serem servidas pela arte. O mesmo se aplica se sairmos das cidades e observarmos o que se passa entre os camponeses ou, melhor ainda, se sairmos de nossos países civilizados e visitarmos aqueles povos cujos modos de vida ainda hoje se assemelham às condições em que viveram os nossos mais remotos ancestrais. Chamamos a esses povos “primitivos”, não porque sejam mais simples do que nós -- os seus processos de pensar, com frequência, são mais complicados do que os nossos --, mas por estarem mais próximos do estado em que, num dado momento, emergiu a humanidade. Entre esses primitivos não há diferença entre edificar e fazer imagens, no que se refere à utilidade. Suas cabanas existem para protegê-los da chuva, do sol e do vento, e para os espíritos que geram tais eventos; as imagens são feitas para protegê-los contra outros poderes que, para eles, são tão reais quanto as forças da natureza. Pinturas e estátuas, em outras palavras, são usadas para realizar trabalhos de magia. É impossível entender esses estranhos começos se não procurarmos penetrar na mente dos povos primitivos e descobrir qual é o gênero de experiência que os faz pensar em imagens como algo poderoso para ser *usado* e não como algo bonito para contemplar. (GOMBRICH, E. H. (Ernest Hans), 1909-2001. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2015. p. 39-40)

No entanto, da mesma forma como o homem se adapta ao meio, as suas ferramentas são, conseqüentemente, adaptadas e ressignificadas para continuar lhes servindo. É necessário levarmos em consideração, antes de darmos seqüência, que determinados fatos e/ou comportamentos tendem à repetição, mesmo em diferentes períodos e/ou épocas da história. Pensemos, por ora, na questão do “primitivo”. É possível concluir que o narcisismo, em verdade, não é uma característica humana restrita ao século XX, mas sim, um atributo que percorreu os séculos com roupagens diversas, pois se falamos em narcisismo, estamos falando também da imagem como objeto de estudo, e a imagem sempre esteve presente na história do ser humano. Ocorre que, em nosso caso, dadas as diretrizes racionais em que estamos inseridos, e tendo como plano de fundo o nosso pensamento crítico e a evolução gradual do ser, tomamos a imagem em si um referencial norteador. Já nossos ancestrais diretos, as externalizavam em manifestações artísticas primevas, e lá poderiam estar evidências daquilo que, aqui, chamamos de *inconsciente primitivo* - traduzido ou evidenciado por meio de imagens.

Busquemos alguma referência, no período paleolítico da história, motivos essenciais que possam sustentar esta presente tese; é lá, no período paleolítico, que surgem as primeiras manifestações artísticas de seres que encontravam-se existindo em cavernas por conta das baixas temperaturas. Um ser nômade, caçador-coletor, inserido em um período que teve início há 2,5 milhões de anos e que durou até, aproximadamente, 10.000 a.C. Falamos de seres que, originalmente, expressavam em paredes suas relações mais íntimas com o mundo, e que também por isso se destacava dos demais seres vivos. Com os desenhos, havia um ser que tentava, a todo custo, compreender o mundo exterior; um mundo fundamentalmente hostil às suas necessidades de sobrevivência. Desenhar era uma forma de controlar o mundo a sua volta. Era uma forma de aprisionar ou conquistar a imagem exterior predatória, violenta, mas que ainda assim servia à sua existência. Falamos de um modo associativo primário, arcaico, em que, ao conquistar um animal, conseqüentemente esse ato era associado ao desenho

realizado em paredes, e era essa uma das formas eficazes de relacionamento de si próprio com o mundo.

Notemos que nossas características instintivas foram traçadas por meio de um extenso período evolutivo, e mesmo em povos primitivos já havia certa assimilação do ambiente ao qual pertencia e, de igual modo, a tentativa de possuir determinado controle sobre tal fenômeno como forma de sobrevivência ao meio. Ou seja, o instinto de manipulação de seu ambiente e conseqüente adaptação, aliado ao surgimento de tecnologias que possibilitaram um melhor manuseio das técnicas adquiridas, são intrínsecos à espécie. A tecnologia permitiu a construção das pirâmides no Egito, os avanços dos exércitos romanos, as descobertas científicas de Galileu Galilei, a ida do homem à Lua, ou um mundo cada dia mais conectado. É evidente que durante as eras aperfeçoamos nossas habilidades; se antes o ser humano tinha receio de sair de uma caverna para explorar o mundo ao seu redor, hoje temos esse mesmo mundo acessível na palma de nossas mãos. Poucos toques nos separam de um passeio virtual pelas ruas de Tóquio. Tudo bem não ter dinheiro suficiente para ir à França; é possível “caminhar” com o celular pelo Museu do Louvre e/ou conhecer a Torre Eiffel.

Falamos, até o presente momento, sobre a imagem, a interação de nossa espécie com o ambiente em que vivemos, mas, além disso, também temos o comportamento social - verdadeira conquista da evolução orgânica. Comunicação, coordenação e colaboração entre animais sociais é frequente, principalmente entre mamíferos. Essa inteligência coletiva faz parte da adaptação ao meio e é determinante para a preservação das espécies. No entanto, algo nos diferencia dos demais seres vivos, e aqui nos destacamos: a linguagem. Ela permite que haja o acúmulo de conhecimento de geração para geração para criar formas diferentes de coordenar e cooperar, algo muito mais complexo do que ocorre no mundo animal. Com o fortalecimento da linguagem, e principalmente com o avanço da comunicação digital, estamos elevando a nossa inteligência coletiva a um nível nunca antes visto; a tecnologia ampliou a nossa memória, o alcance das nossas ideias, facilitou a resolução de problemas cotidianos corriqueiros, fortaleceu a onipresença da informação.

Vivemos em um mundo que ultrapassa fronteiras e/ou parâmetros sociais - chegamos à era dos *smartphones*, dos inúmeros aplicativos, do Instagram, do Facebook, do Twitter, do *streaming* de jogos, dos influenciadores digitais, dos vídeos virais do YouTube etc. Vivemos em uma era em que exibir a foto de um prato em algum restaurante pelo mundo é uma forma de revelar a gastronomia daquele lugar. Uma era em que abrir uma live em nossa página é tomar para si o papel de coadjuvantes, narrando histórias tão plurais, tão diversas. E vamos além. Narramos o nosso despertar, narramos a ida à academia, narramos os livros que lemos, as festas que frequentamos, tudo aquilo que compramos, tudo aquilo que fazemos, narramos as nossas próprias vidas, quase sempre de uma maneira que busca a curtida do outro, o compartilhamento, a aceitação, o aval para ser; colocamos à venda, nesta vitrine de escolhas infindas, outra forma de agir, de se comportar. Em síntese, temos um novo fenômeno, o narcisismo trajado de amor próprio, exibido em vitrines virtuais.

O aparelho celular, hoje largamente utilizado por todos, de um modo geral, é uma importante ferramenta de interação entre os seres humanos, e isso se dá, também, essencialmente por meio de imagens e manuseio de aplicativos. Assumir que ele conecta uma pessoa à outra, independente da distância em que elas se encontram, não é um mero detalhe em que

passamos os nossos olhos sem que para isso percebamos com atenção alguns fatos específicos e curiosos. O celular, realmente, exerce uma função nunca antes vista na história. A dinamicidade e tramitação de notícias e demais informações nunca teve um fluxo tão grande - o que antes era feito por cartas, que demoravam muito tempo para serem entregues, hoje pode ser feito com alguns toques na tela: o de abrir o WhatsApp, escolher o contato, e encaminhar uma mensagem de texto, áudio ou vídeo. Essa informação não viaja de barco rumo ao desconhecido, assim como as caravelas portuguesas que aqui atracaram em 1.500. O destino é certo, criptografado, e não conta com interferências externas e naturais, em contraposição aos barcos que se lançavam ao mar de incertezas; tudo o que precisamos é de um bom sinal de internet e o aplicativo instalado em nossos dispositivos.

No entanto, não é somente de aspectos positivos que essa extensão tecnológica de nós mesmos oferece. Inserindo-nos no contexto atual, a era digital, percebemos quão facilmente somos influenciados, de forma negativa, no modo em que esta conduta ocorre. O rápido fluxo de informações, aliado ao sistema econômico em que estamos inseridos, promove algo ambivalente todos os dias: *views*, *likes* e compartilhamentos são ferramentas daqueles que, de alguma forma, querem lucrar e garantir a sobrevivência. Isso é bom, por um lado, pois gerou oportunidades inéditas de trabalho. No entanto, não estamos falando de Idade Média, em que poucos eram os pintores que trabalhavam em prol da realeza. Estamos falando de um tempo e uma época em que muitas são as pessoas que investem grandes esforços para produzirem ou reproduzirem conteúdos diversos, que expressem uma suposta autenticidade.

Identificamos esse exibicionismo nas redes sociais como um meio para a sustentação da imagem do sujeito. Do mesmo modo que os desenhos rupestres na parede das cavernas capturaram a essência dos seres, deixando a marca do homem no ambiente externo, as postagens assim os fazem, dizendo-o “também estou aqui, me veja”. Logo, a linha tênue entre a comunicação/troca de informações e o exibicionismo é constantemente ultrapassada, proporcionando consequências sutis, porém perigosas para a saúde física e psíquica dos que diretamente se expõe e dos que indiretamente são atingidos.

## O mito grego de Narciso e Eco

NARCISO, em grego Νάρκισσος (Nárkissos). Começamos pela etimologia. Nárkissos, o nosso Narciso, não é uma palavra grega. Talvez se trate de um empréstimo mediterrâneo, quem sabe da ilha de Creta. De qualquer forma, uma aproximação com o elemento νάρκη (nárke), que em grego, significa “entorpecimento, torpor”, cuja base talvez seja o indo-europeu \**snerq*, “encarquilhar, estiolar, morrer”, é de cunho popular. Com o sentido de *torpor*, nárke já é empregado por Aristóteles, *Vespas*, 713. Relacionando-se, depois, com a flor narciso, que era tida por estupefaciente, nárke será a base etimológica de nossa palavra narcótico e toda uma vasta família com o elemento narc-. (BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega, vol. II**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 181)

Quanto ao mito grego, Narciso era filho do rio Cefiso, “o que banha, o que inunda”, e da Ninfa Liríope, que talvez signifique “de voz macia como um lírio”, em grego leírion e óps, “voz”. O mito, inicialmente, narra um estupro cometido por Cefiso - em cujas margens tranquilas ninfa alguma poderia passear incólume - contra Liríope.

A gravidez foi penosa e indesejável, e de mesmo modo tomada por alegria e apreensão. Narciso nasceu belo, o que era inconcebível, visto que na cultura grega, particularmente,

beleza assim era tida como fora do comum, o que assustava a todos. A beleza arrastava o mortal para a hýbris, o descomedimento, fazendo-o ultrapassar o métron - a linha invisível que separa o humano do divino. Desta forma, competir com os deuses, no que tange à beleza, era considerada uma afronta direta, cabível de punição severa.

O sentido de beleza era algo extremamente notável nos mitos gregos. O divino era aquele que detinha toda a concepção do termo, em essência - algo que ultrapassava em muito o métron, e portanto seria digno apenas dos deuses. Aquele que excedia o permitido, sofria as consequências de Némesis, tida como a justiça distributiva e, por esse motivo, a vingadora da injustiça praticada; esta estava sempre atenta para os excessos cometidos, e pronta para punir os culpados de maneira irremediável.

Narciso, assim, seria desejado arduamente por deusas, ninfas e pelos jovens de toda a Grécia. Tal beleza, por outro lado deixava a sua mãe, Liríope, preocupada, motivo esse que a levou a procurar o velho cego Tirésias, que possuía o dom da manteia, da adivinhação. Quanto tempo mais Narciso teria? Essa dúvida tomou conta do imaginário da Ninfa, ao que o grande profeta a advertiu: *si non se uiderit, "se ele não se vir"*, como narra Ovídio. Narciso, portanto, poderia viver longos anos desde que não se visse.

Narciso conquistou a atenção de todos àquela época, no entanto permanecia insensível. Entre as grandes apaixonadas pelo jovem da Beócia, estava Eco. É preciso mencionar, antes, que Eco acabara de regressar do Olimpo após um grave episódio. Hera, esposa de Zeus, desconfiada das constantes idas deste ao mundo dos mortais, resolveu prendê-lo no Olimpo. Zeus, por sua vez, usou a ninfa Eco, de uma tagarelice tamanha, para distrair Hera enquanto ele escapava para o mundo dos mortais. Mas a ciumenta Hera, tida como "defensora dos amores legítimos", acabou por descobrir a trama e decidiu punir, então, a jovem ninfa - Eco não mais falaria, mas, sim, repetiria somente os últimos sons das palavras que ouvisse.

Mas nada disso fez com que, em seu retorno do Olimpo, conseguisse evitar o amor que sentia por Narciso, o mais belo dos jovens. Em um verão qualquer, Narciso partiu, junto com alguns companheiros, para uma caçada. Eco o seguiu por todo o percurso, mas tomando os devidos cuidados para que não fosse vista. Acontece que, em um determinado momento, Narciso afastou-se dos amigos. Públio Ovídio Nasão (43 a.C. - 17 d.C.), em *Metamorfoses*, 3, 368-384, e com tradução de Antônio Feliciano de Castilho, narra primeiro as esperanças, e depois o desespero de Eco:

Dos sócios seus na caça extraviado  
Narciso brada: *Olá! Ninguém me escuta?*  
*Escuta*, lhe responde a amante Ninfa.  
Ele pasma: em redor estira os olhos;  
E, não vendo ninguém: *Vem cá*, lhe grita;  
Convite igual ao seu parte dela.  
Volta-se, nada vê: *Por que me foges?*  
Clama; *Por que me foges*, lhe respondem.  
Da mútua voz deluso, insiste ainda:  
*Juntemo-nos aqui*. Frase mais doce,  
Nem lha espera, nem quer; delira, e logo,

*Juntemo-nos aqui, vozeia em ânsias  
De o pôr por obra; da espessura rompe,  
Vem de braços abertos, anelando,  
Tão suspirado objeto, alfim colhê-lo.  
Ele foge; fugindo, ilude o abraço,  
E Antes, diz, *morrerei, que amor nos una.*  
Ela, imóvel, co'a vista o vai seguindo,  
E, ao que ouviu, só responde: *Amor nos una.**

Eco, fragilizada pela recusa tão fria e insensível de Narciso, ainda assim arde de paixão e se isola numa imensa tristeza e solidão. Ao fim, deixou de se alimentar e definhou, transformando-se em pedra, capaz apenas de repetir os sons últimos do que se diz. As demais ninfas, irritadas e inconformadas com a insensibilidade do filho de Liríope, pediram diretamente vingança a Nêmesis, que, de pronto, condenou Narciso a amar um amor que seria impossível alcançar.

Dessa forma encontramos o filho de Liríope novamente no verão, aproximando-se da límpida fonte de Téspias para acabar com a sede. As águas da fonte de téspias eram tão puras, que ninguém havia tocado nem mesmo os lábios. Debruçou-se sobre o espelho das águas e viu-se. Viu a própria imago (imagem), a própria umbra (sombra) refletida no espelho da fonte de Téspias. *Si non se uiderit, "se ele não se vir"*, lembremo-nos das palavras do sábio Tirésias. O jovem notou a si mesmo, porém, e não mais saiu dali. Narciso apaixonou-se pela própria imagem refletida. Nêmesis, assim, cumprira a maldição.

Novamente, Ovídio, em suas *Metamorfoses*, 3, 414-428, nos relata:

Deitou-se e tentando matar a sede,  
Outra mais forte achou. Enquanto bebia,  
Viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem.  
Julga corpo, o que é sombra, e a sombra adora.  
Extasiado diante de si mesmo, sem mover-se do lugar,  
O rosto fixo, Narciso parece uma estátua de mármore de Paros.  
Deitado, contempla dois astros: seus olhos e seus cabelos,  
Dignos de Baco, dignos também de Apolo;  
Suas faces ainda imberbes, seu pescoço de marfim,  
A boca encantadora, o leve rubor que lhe colore a nívea pele.  
Admira tudo quanto admiram nele.  
Em sua ingenuidade deseja a si mesmo.  
A si próprio exalta e louva. Inspira ele mesmo os ardores que sente.  
É uma chama que a si própria alimenta.  
Quantos beijos lançados às ondas enganadores!  
Para sustentar o pescoço ali refletido, quantas vezes  
Mergulhou inutilmente suas mãos nas águas.  
O mesmo erro que lhe engana os olhos, acende-lhe a paixão.  
Crédulo menino, por que buscas, em vão, uma imagem fugitiva?  
O que procuras não existe. Não olhes e desaparecerá  
o objeto de teu amor.  
A sombra que vês é um reflexo de tua imagem.  
Nada é em si mesma: contigo veio e contigo permanece.  
Tua partida a dissiparia, se pudesses partir...  
Inútil: sustento, sono, tudo esqueceu.  
Estirado na relva opaca, não se cansa de olhar seu falso enlevo,

E por seus próprios olhos morre de amor.

Procuram o corpo de Narciso, mas em seu lugar encontram uma flor amarela, cujo centro era circundado de pétalas brancas. Era a flor de narciso. Aqui, ao narrar a tragédia e morte de Narciso, perde-se também Eco. A flor de narciso, aliás, também arruinou Perséfone. É que esta última tinha o hábito de colher flores no campo. O rei do Hades, Plutão, que tanto a desejava, contou com a conivência de Zeus; este colocou uma flor de narciso às bordas de um precipício e, quando Perséfone aproximou-se para pegá-la, a filha de Deméter caiu no abismo. Lá no fundo do abismo, estava Plutão em cima de uma carruagem à espera. Foi o perfume de narciso que embriagou Perséfone e a levou para as trevas. É sabido, porém, que Narciso ainda tenta, no Hades, observar a si mesmo nas águas escuras do rio Estige.

## O narcisismo do qual tratamos

Deixemos claro que, ao nos debruçarmos sobre a teoria freudiana do narcisismo em relação ao uso das redes sociais, a qual se converte em um exibicionismo exacerbado, estamos falando de pessoas com traços narcísicos frente ao ambiente atual, que aparentemente nos influencia a investir, novamente, libidinalmente em nós mesmos, e não em uma patologia psíquica, embora acreditemos que não exclua a possibilidade de posteriormente o sujeito desenvolver um transtorno de personalidade narcisista.

Transtorno De Personalidade Narcisista  
Critérios diagnósticos 301.81 (F60.81)

Um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. Tem uma sensação grandiosa da própria importância [...]
2. É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal.
  3. Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a, outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada.
4. Demanda admiração excessiva.
5. Apresenta um sentimento de possuir direitos [...]
6. É explorador em relações interpessoais [...]
7. Carece de empatia [...]
8. É frequentemente invejoso em relação aos outros ou acredita que os outros o invejam.
9. Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes.

[...] Esses traços somente constituem transtorno de personalidade narcisista quando são inflexíveis, mal-adaptativos e persistentes e causam prejuízo funcional ou sofrimento subjetivo

significativo.

(American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5ª Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 669-672).

Vejamos que, para Sigmund Freud, o narcisismo nada mais é do que uma fase do desenvolvimento do nosso Eu. Formada ainda na tenra infância e situada no polêmico complexo de Édipo, está entre as pulsões auto-eróticas e a busca por um amor-objetal.

No início a criança é o seu próprio mundo, autossuficiente para ser amada por aqueles que a rodeiam; a sua satisfação está na própria extensão. No entanto, durante o desenvolvimento, ela se dá conta do “outro”, e o seu amor-objetal está pronto para ser redirecionado, porém, despreparado para lidar com a frustração de não ser correspondido. Logo, se este processo não for bem elaborado psiquicamente, criamos a ilusão de que precisamos ser perfeitos, para assim sermos desejados. Mas desejados por quem?

Pensemos em Narciso como uma referência para a época, invejado e ao mesmo tempo desejado por todos, a personificação do belo, do divino - algo perseguido pela sociedade grega à época como um todo, e mesmo em períodos que a antecederam. E por que não pensar que atualmente isso ainda persiste? Detalhes sobre a percepção de si mesmo e o prazer que é sentido ao ser observado por outros - exibicionismo/voyeurismo. Se o olhar do outro define quem sou, criaremos uma imagem de identificação, já deturpada, a qual refletirá na formação do nosso Eu Ideal, que deverá ser alcançada e sustentada. Isto é, o Ideal do Eu como meio para a realização de nossa satisfação.

Compreendemos que o Eu ideal é uma figura “perfeita”, que representa o ser para finalmente estar inserido no mundo do homem, ou seja, no grupo que o aceita, porém esta figura perfeita é psiquicamente inalcançável, pois sempre presenciaremos a angústia da falta. As redes sociais, em contrapartida, nos diz que “não”, ela tem o modelo perfeito e completo, a qual todos podem alcançar, pois como vemos, ultrapassa sem nenhum perigo a linha do métron, e não é um deus, mas sim um homem, assim como nós, que outrora fora comum, nascido debaixo do mesmo céu, a qual de algum modo alcançou o título de influencer, o invejado rótulo de bem-sucedido ou o pilar da fama. E a distância, agora simbolicamente insignificante, entre ambos os sujeitos, impulsionada ainda pelas redes sociais, transforma o desejo em ser e estar no lugar do outro. Pois, o mesmo aplicativo social que exhibe a espetacular imagem ilusória de um ser perfeito, cheio de conquistas, autenticidade e beleza, é também o que esconde os defeitos, traumas e falhas, garantindo a posição olimpiana, a sustentação de seu Ego Ideal, dissimuladamente alcançado. Resumidamente, queremos deixar de buscar a referência (Ego Ideal) para sermos a referência (pulsão de vida), e isto nos leva à perda de nossa individualidade, o que, psiquicamente, seria menos pior do que a angústia da solidão (pulsão de morte).

[...] O homem autêntico é aquele que reconhece a radical dualidade entre o humano e o não-humano. Desconhecê-la é mergulhar na inautenticidade, é sofrer uma queda. Existência inautêntica e queda são sinônimos. Queda, porque os existencialia são necessidades ontológicas imprescindíveis ao ser humano, e que o estado de inautenticidade tende a se degradar. [...] uma subjetividade degradada comanda a consciência individual, levando o homem a agir de acordo com o que dizem ser o certo ou errado, obedecendo as ordens e proibições sem indagar suas origens ou motivações.



O Daisen, o indivíduo, passa a viver sob o signo do “se”, do “dizem”: lê, o que se lê, come o que se come, segue este ou aquele modismo que dizem ser o mais conveniente seguir. O “Ser-aí”, na vida cotidiana, mergulha numa espécie de anonimato que anula a singularidade de sua existência. Perde-se no meio dos outros Daisen, buscando a justificativa de seus atos num sujeito impessoal, exterior.

[...] O das-man, enfim, eis a conclusão heideggeriana, constitui a estrutura essencial das relações sociais, privando a realidade humana de uma existência autêntica.

[...] Temeroso de defrontar-se com a morte, sabendo-se ser um “Ser-para-a-morte”, evitando assumir a realidade que ela representa, o Daisen refugia-se numa existência inautêntica, dessa maneira o indivíduo procura fugir da angústia da morte.

(PENHA, João da. **O que é o existencialismo? (Primeiros passos)**. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 32-34.)

O sujeito que não se molda aos traços exigidos por determinado grupo, a ele não pertence, e o não pertencimento é o mesmo que não existir, pois está fora do campo das relações humanas compartilhadas, a qual é essencial para nós, seres sociais, psiquicamente carentes de afetos. O sentimento de solidão a qual decorre do não pertencimento traz consigo muitos problemas, entre eles a frustração, depressão e baixo-autoestima, que levam à decadência do ser determinadamente social. Para driblarmos essa eventual circunstância, buscamos incessantemente por um grupo que nos aceite, alguém que inconscientemente nos identificamos, e possamos ter a garantia de sermos o falo, o objeto de desejo do outro, como um porto seguro para o nosso Ego. Porém, essa identificação em massa, significa a dissolução do Eu em prol da aceitação e pertencimento. Sacrificamos a nossa subjetividade no leito de Procusto.

É perceptível que o mecanismo funcional externo dessa estrutura psíquica não é o mesmo que o utilizado a séculos atrás. Não estamos falando de um sujeito que se apaixona por si mesmo, mas sim de grupos de indivíduos que buscam ser a paixão do outro, mesmo que não nutram este sentimento por ele, este é o seu combustível para se manter acesso. E nada mais conveniente do que um celular com todas as ferramentas necessárias para se exibir ao outro, de qualquer lugar e em qualquer hora. Ora, não é de se estranhar que vejamos em quem se exhibe, traços narcísicos. Ali, compartilhando com outro o que deveria ser intimamente dele, passa a mensagem de seu amor próprio. No entanto, como vimos ao longo do artigo, por de trás esconde a insegurança e o medo da falta, a qual tenta, assim como todos nós, porém de um modo diferente, suprir com views, likes e laços virtuais.

É como revisitar uma trágica história - e, com isso, trazemos uma crítica não às redes sociais, mas sim ao modo como elas são utilizadas. Em 1911, o Coronel Lance, do Aeroclub de França, ofereceu o prêmio de 10 mil francos para quem conseguisse projetar um paraquedas extremamente seguro para os aviadores. Franz Reichelt, um alfaiate, criou um modelo e tentou voar a partir da Torre Eiffel, o que certamente deu errado e o mesmo acabou despencando de uma altura de 45 metros - Franz não morreu pela queda, mas sim de um ataque cardíaco antes de chegar ao chão. Traçando uma pequena analogia, é como se, atualmente, as empresas estivessem agindo, direta ou indiretamente, como o Coronel Lance, injetando dinheiro para que idéias novas surjam e as pessoas se sintam estimuladas, enquanto as ferramentas digitais (YouTube, Facebook, Instagram etc.) funcionam como plataformas de testes - muitas dessas, no entanto, são perigosas, como foi a Torre Eiffel para

Franz Reichelt. O êxito é relativo, bem como incerto ou inesperado. Reforçamos, ademais, que não estamos culpabilizando única e exclusivamente as empresas, mesmo por que, atualmente, qualquer pessoa pode alavancar ideias e/ou propostas que rapidamente ganham as redes e acabam viralizando - todos somos, dessa maneira, potenciais investidores e incentivadores, sempre em busca da aceitação, do afeto, do afago, do modelo ideal de Eu, da pulsão de vida que será, com sorte, visualizada, compartilhada e, até mesmo, viralizada por toda a internet.

Dentre alguns exemplos, temos o influenciador digital Larz, de 21 anos. O jovem foi infectado por COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, após lambem um vaso sanitário e publicar as imagens em suas redes. Larz participou de um desafio que surgiu no aplicativo TikTok, chamado “coronavírus challenge” (desafio do coronavírus), que incentivou dezenas de jovens a se exporem em situações de risco anti-sanitárias. Pode-se facilmente questionar, com isso, sobre uma possível - ou evidente - fragilidade psíquica e emocional, ou pulsão de morte, travestida em uma atitude que visa, essencialmente, ganhar a atenção dos demais, ser notado, ou seja, imbuir-se de uma pulsão de vida, mesmo que alcançada de forma extrema e inconsequente. Ainda assim, aqui, notamos o perfil narcísico de forma clara e objetiva; o influenciador, que buscando o retorno ao narcisismo primário, ou seja, a si mesmo e às suas necessidades de ideal do Ego, se debruça no outro como forma de conquistar o aval para ser e estar, além de encaixar-se socialmente.

Mas os exemplos não param aí. O YouTuber canadense Jason Eithier, de 29 anos, dono do canal “ImJayStation” - que conta com mais de 5 milhões de seguidores - forjou a morte da própria namorada para ganhar views em seu suposto canal de “humor”. O homem, conhecido por entrar em contato com espíritos de celebridades usando tabuleiros ouija (superfícies planas com letras, números e outros símbolos), falou que a namorada havia sofrido um acidente de carro, provocado por um motorista embriagado; em seguida, entrou em contato com a suposta alma da mesma, em vídeo publicado e já deletado. A notícia correu a internet, chegando até mesmo aos pais de Alexia, a namorada, e foi aí que Jason veio à público para confessar que tudo não tinha passado de uma grande mentira, e que, aliás, a própria Alexia, motivada por fama e dinheiro, segundo ele, havia ajudado a forjar toda a situação - o que ela nega veementemente. Independente de qual seja o lado correto nessa história, é possível questionar: vale tudo em troca de audiência? Aparentemente, para pessoas como essas que vimos até aqui, sim. De qualquer forma, elas influenciam as demais, e não é somente nesse extremo negativo que o exibicionismo nas redes está alicerçado; na verdade, em costumes menos danosos e hostis também o narcisismo aparece como fonte de renda, deveras, lucrativa.

Em um programa televisivo chamado “De férias com meu ex”, do canal por assinatura MTV, participantes passam uma temporada confinados em uma casa e aguardam para o momento em que irão encontrar seus antigos parceiros, ou parceiras. Os participantes, no caso, são escolhidos criteriosamente pela emissora não pela personalidade, por exemplo, mas pela aparência, primeiramente; é preciso ter um tipo específico de corpo, o considerado “belo”. Além disso, é preciso ser jovem, extrovertido e carismático. Durante o programa, eles participam de festas e eventos, interagem e se relacionam entre eles, mas não ganham um prêmio da emissora ao término do reality, como visto em outros canais. No caso, após o programa, os participantes assinam com marcas famosas para, em seus stories do Instagram, por exemplo, fazerem propaganda e anunciarem produtos - quase sempre em lugares deslumbrantes, paradisíacos, esbanjando um modelo ideal de Eu que, muitas vezes, não

condiz com boa parte do público que os seguem. Muitos deles, inclusive, passam de 500 mil seguidores nas redes.

O “Belo”, em si, remonta-nos à Grécia Antiga. As representações dos homens nas esculturas eram, em grande parte, inspiradas nos deuses, mas os gregos, certamente, não eram aqueles seres perfeitos que a arte deixava transparecer; não eram dotados de uma idealização corpórea tamanha, com toda uma representatividade grandiosa de “homens como deuses”. Os gregos, aliás, possuíam imperfeições como todos os outros seres humanos. Porém, a arte deles traduzia o Belo, bem como a nossa, atualmente. O belo do nosso tempo, aliás, muito mais do que servir de modelo e referência aos demais seres humanos, é o belo que vende, que influencia, que arrecada quantias consideráveis em dinheiro, que permite com que alguns sejam projetados à fama, a um status social melhor, e à inúmeras possibilidades outras. O belo de hoje ainda é o mesmo belo da Antiga Grécia, no diz respeito ao ideal do Ego - sempre inatingível e, por conseguinte, frustrante, para um grande número de pessoas. Antes, poucos eram os escultores e os esculpido - quase sempre as obras de arte eram restritas a figuras de grande prestígio e certa relevância social. Algo que será também levado à Idade Média, ao Renascimento etc. Hoje, no entanto, muitos são os esculpido e muitos também são os escultores, e, entre tantas obras, a aceitação ou a rejeição nunca esteve tão fácil de ser notada ou decidida - basta, com os dedos, passar para o lado à uma obra seguinte que agrade mais, ou menos. Na vitrine digital, bem como na vida real, também há o consumo desenfreado; não de aspectos tangíveis, palpáveis, mas sim de vidas humanas expostas, exibidas.

### **Considerações finais**

Os narcisistas na contemporaneidade, portanto, podem ser considerados como pessoas com determinadas necessidades excessivas de admiração e/ou aprovação. Quando falamos em aprovação, é importante reforçar que sempre há um espaço entre como eu me vejo e como os outros me veem, e neste sentido as redes sociais teriam, então, o poder de atuar nisso. Nas redes sociais há todo o tipo de postagens ou pessoas. Há aquelas que publicam pouco conteúdo, outras que usam as redes de maneira mais frequente e, finalmente, aquelas que dividem absolutamente tudo que fazem em suas vidas. Para elas, as redes servem para cuidar de sua imagem pública e também para entender como as outras pessoas respondem a ela. As publicações em demasia serviriam para controle de sua aceitação social, funcionando, portanto, como um verdadeiro espelho. Assim, para um narcisista contemporâneo, a lógica por trás destas ações seria: “quanto mais eu posto, mais mantenho minhas relações, mais posso ser admirado e amado”. A falta de respostas pode tornar o narcisista inquietos ou vazios, com a sensação de deixar de existir, apenas porque ninguém está confirmando que o ama. Disso decorrem efeitos de dependência, ansiedade e expectativa ascendente da presença virtual do outro. A timeline reflete o novo espelho de Narciso, que se encanta e se apaixona com o seu reflexo, representados pelo olhar de inúmeros Ecos - os seus seguidores. Curtidas significam que a pessoa foi vista, reconhecida. Os comentários refletem a admiração e interação virtual que reforçam a imagem que é apresentada, geralmente como perfeita (o Ideal do Ego), expondo estilos de vida e símbolos de sucesso. Revisitando a célebre frase do filósofo e matemático francês René Descartes, “*penso, logo existo*”, hoje poderíamos questionar: “*posto, logo sou*”?

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5ª Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 669-672.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega, vol. II**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 181.

COWIE, Ashley. 40,000-Year-Old Cave Art Fills Basque Country Void. Ancient Origins. Disponível em: <<https://bit.ly/3d91Lpt>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMBRICH, E. H. (Ernest Hans), 1909-2001. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2015. pp. 39-40.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PENHA, João da. **O que é o existencialismo? (Primeiros passos)**. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 32-34.